Ano III — Lisboa, Agosto e Setembro de 1947 — N.os 28 e 29

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO

NÚMERO AVULSO 2$00

Assinaturas { Anual ..... 12$00 / De 8 números 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista (em organização)

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

O «JAMBOREE»

Um belo exemplo de trabalho do Escotismo Francês

O «Jamboree» Mundial da Paz — a grande reunião escotista ansiosamente aguardada por milhares de escoteiros — já terminou e podemos afirmar com justiça que correspondeu integralmente às espectativas. Conforme previámos foi uma grandiosa jornada de amizade, congregando através do uniforme escotista não só muitos milhares de jovens, mas também centenas de dirigentes, entre os quais se contavam figuras de grande relevo nas Ciências, nas Artes e nas Letras dos diferentes países representados.

Houve, porém, um aspecto do «Jamboree» que, muito embora já o adivinhássemos, só de perto pudemos apreciá-lo devidamente — a grande manifestação de trabalho do Escotismo Francês, o belo exemplo de dedicação e sacrifício que nos foi dado por cada escoteiro e por cada escoteira ao serviço do acampamento.

De facto, só vendo o esgotante afã dos milhares de seniores encarregados dos serviços de transporte e trânsito, policiamento abastecimentos, esgotos, correios e telégrafos, cozinhas e restaurantes, bombeiros e tantos outros, se pode apreciar o esforço dispendido. A estação dos correios, as feiras, os restaurantes, os transportes, tinham uma afluência de público superior a tudo quanto era possível imaginar. É que aos 40.000 escoteiros acampados se juntavam diàriamente 80.000 visitantes, população esta que utilizando intensamente os diversos serviços de campo originava um trabalho árduo que os nossos camaradas franceses desempenhavam a sorrir.

A organização do acampamento, modelar como se apresentou, dois anos sòmente depois de uma guerra que tanto devastou a França, foi já um milagre de esforço.

Se a faceta mais saliente do «Jamboree» foi a grande jornada de amizade internacional, justo é afirmar que este nobre exemplo de trabalho, dedicação e espírito de sacrifício dos escoteiros e escoteiras franceses, será capaz de inspirar e estimular o trabalho de cada uma das associações escotistas presentes.

Nós só lamentamos que não tivesse sido possível que um maior número de escoteiros e dirigentes portugueses se tivesse deslocado a Moisson, pois estamos convencidos que o Escotismo Nacional muito teria a lucrar deste contacto com os escoteiros franceses.

Depois de assistirmos ao «Jamboree» não nos admira que o Escotismo Francês seja uma organização poderosa através das suas seis associações. Com elementos animados de tão alto espírito de dedicação, qualquer movimento escotista progredirá. Esta é uma das grandes lições do «Jamboree».

Uma viagem? Não, um sonho

Quando nos é dado o prazer de dar satisfação a qualquer desejo que ardentemente anelamos, esse facto passa-se como se de um sonho se tratasse, com toda a aparência de fantasia.

Foi assim que em 8 de Agosto deixámos os amigos que gentilmente se foram despedir de nós à gare da estação do Rossio. Era nosso grande desejo — como o seria de qualquer outro escoteiro que nunca o tivesse feito —, assistir a um «Jamboree». Por isso, conforme o comboio partia e avançava velozmente em direcção à fronteira, assim a nossa viagem ia tomando aspectos de sonho autêntico. Nem as saudações que os nossos camaradas do Entroncamento nos trouxeram à respectiva estação, nem as formalidades da alfândega, nem mesmo o nosso desembarque em Madrid e a recepção amiga dos exploradores espanhóis, *conseguiram dar-nos a sensação de realidade. Antes pelo contrário, as peripécias de viagem, as palavras de simpatia de ocasionais companheiros, a entrada em França e a viagem veloz no rápido expresso de Hendaia-Paris, tudo parecia fazer avolumar a sensação agradável dum sonho* que sabe bem sonhar.

Assim, madrugada ainda, deixámos o confortável Hotel Printemps onde passámos uma restauradora noite em Paris e embarcámos para o «Jamboree» num comboio, um grande comboio, repleto de escoteiros, alegres, cantando lindas canções escotistas inteiramente novas para nós, num conjunto a que as

O presente número do nosso jornal tem 12 páginas e é considerado um número DUPLO referente a AGOSTO e SETEMBRO, sendo o preço de cada exemplar de **Esc. 2$00**, ficando assim a publicação do «SEMPRE PRONTO» devidamente regularizada.

O número respeitante a Outubro será publicado em meados do mês.

gargalhadas sãs e sonoras da mocidade davam completo cunho de fantasia.

Chegámos à estação Rosny-Jamboree e o facto do pessoal da estação ser todo composto de escoteiros e ainda porque entre tantas centenas, milhares mesmo, de rapazes, nos surgiram logo os braços amigos do Lino e do Brás, mais nos fez viver o sonho.

Embarcámos num dos 200 auto-carros que ligavam a gare de C. F. e o acampamento. Chegámos ao «Jamboree» e uma vez aí a sensação de sonho foi completa. As imagens sucediam-se rápidas, velozes, como numa enorme sessão cinematográfica onde mal há tempo de apreciar um quadro, porque imediatamente outro se lhe repõe. Estivemos no «Jamboree», mas não vimos o «Jamboree», sonhámos apenas. Corríamos dum lado para outro, procurando ver, observar, confraternizar, mas em vão. Tudo era rápido, duma grandiosidade irreal. Disparávamos constantemente as nossas máquinas fotográficas procurando reter algumas imagens que pudessem mais tarde fazer-nos reviver o nosso sonho, mas as próprias fotografias se ressentiam da precipitação, ficavam imprecisas, irreais, desfocadas, meros esboços dum sonho de três modestos escoteiros portugueses.

Regressámos a Paris, que procurámos visitar em cinco escassos dias. Novamente as imagens se sobrepunham, e se agora víamos o Arco do Triunfo, logo após nos surgia a Torre Eiffel quase lendária, a Notre-Dame *e os seus magníficos vitrais, a Santa Capela, o Palácio do Louvre, os Inválidos, o* Sacré-Cœur, *etc., etc. Tudo tão rápido como os exólicos comboios do metropolitano.*

Partimos para a Bretanha. Viagem agradável por campinas verdes que mais pareciam canteiros de viçoso jardim. Casinhas pequenas, agradáveis, autênticas construções armadas em papelão a que a nossa visão dava aspectos e proporções de casas grandes, casas a valer.

Terras lindas, mas ainda quentes da metralha. Terras onde os homens se bateram como feras. Procurámos ver as ruínas, as cinzas da guerra, conforme as tínhamos visto nas revistas, mas não as encontrámos. É que o génio francês já reconstruiu tudo quanto pôde, e o que não pôde reconstruir, arrumou. Vimos ruínas sim, muitas ruínas, mas não eram aquelas que procurávamos; estas eram ruínas em ordem, pedra sobre pedra, fazendo muros, pilhas, formando ângulos rectos. Ruínas arrumadas, que não invocavam já a desordem da maldade humana, mas antes, eram prenúncio do desejo, do esforço de reconstruir.

Em todas as terras francesas, mesmo em certa modesta aldeia onde passámos umas horas, vimos escoteiros. Em toda a parte fomos recebidos com simpatia. Ressoam ainda aos nossos ouvidos as perguntas constantes:

Venez-vous do Jamboree?
... Vous êtes contents?

É após as nossas palavras de satisfação, como que procurando corresponder à nossa alegria, as afirmações simpáticas:

Les français aiment les portugais.

E assim, passando sucessivamente por Granville, Dol, Rennes, Nantes, Bordéus, chegámos a Hendaia. Despedimo-nos de França, entrámos em Espanha, passámos um dia e algumas horas na formosa cidade-praia de S. Sebastián, voltámos a Madrid, e de novo a caminho de Portugal, foi com alegria que voltámos a ver as casinhas brancas das nossas aldeias.

É que, na nossa sentimentalidade de portugueses, em França sentíamos já saudades de Portugal e dos portugueses. Chegámos a Portugal há pouco, estamos agora a acordar do nosso sonho, e já sentimos saudades da França e dos franceses onde estivemos tão poucos dias.

Tomámos o compromisso de contar aos nossos leitores o que foi o «Jamboree». Mas é difícil contar um sonho, porque as imagens ficam apenas esboçadas no cérebro. Numa palavra, em verdade o sonho não se vê, imagina-se. Que nos desculpem, pois, os nossos caros leitores a deficiência das nossas narrativas da grande reunião dos escoteiros.

E. R.

LIGO DE PALS

Temos o prazer de informar os nossos estimados leitores ter o «*Sempre Pronto*» sido incumbido de tornar conhecido entre a juventude portuguesa a «*Ligo de Pals*», conhecido clube de correspondência e trocas cuja sede central é na Inglaterra, possuindo imensas secções e filiais em todo o império Britânico e nas nações onde existem associações escotistas:

Dirige a «*Ligo de Pals*» Mr. Norman Booth, antigo Escoteiro—Chefe, fundador e cooperador da «*Skolta Esperanto Ligo*», residente em Bridlington, condado de Yorhskire, Inglaterra.

Pouco antes de eclodir a segunda guerra mundial em 1939 haviam pedido correspondentes portugueses rapazes e raparigas descendentes de euro-portugueses e indo-portugueses, residentes em Hong-Kong, Xangai e Filipinas, o que foi impossível fornecer devido a muitas das cartas dirigidas a elementos escotistas não terem causado nenhum interesse.

Além de selos, postais, colecções de história natural, música, a «*Ligo de Pals*» também proporciona um acampamento anual, correspondência em diversos idiomas inclusive o Esperanto.

O «*Sempre Pronto*» vai dedicar uma coluna, inserindo os endereços e pretensões dos correspondentes, sendo necessário ser assinante do nosso jornal ou fazer parte de qualquer grupo de escoteiros.

H. T. GOMES DE FREITAS

PORTUGAL

No "Jamboree„ Mundial da Paz

No último momento foi constituída uma delegação oficial a enviar ao Jamboree constituída por quatro rapazes de cada associação, A. E. P. e C. N. E., sob o comando de dois chefes.

Esta patrulha que representou, portanto, o nosso país naquela reunião, chegou a Moisson uns 3 dias depois do dia da inauguração.

A representação do nosso país limitou-se a marcar a presença, tendo tido um papel absolutamente apagado.

Todavia, graças à boa vontade de todos os presentes, reunindo a delegação aos escoteiros que se encontravam no campo de chefes de passagem, num número total de 48 elementos, foi possível fazer uma emissão pela B.B.C., para o que se deslocou ao Jamboree o locutor da Secção Portuguesa, Sr. Ribeiro de Carvalho.

Os dirigentes que partiram para França na noite de 5 de Agosto, tiveram na estação do Rossio uma afectuosa despedida por parte de muitos escoteiros e dirigentes. O nosso jornal esteve representado pelos seus Director e Administrador.

O «Sempre Pronto»

No "Jamboree„ Mundial da Paz

Conforme anunciámos os três membros do Corpo Directivo do nosso jornal partiram no dia 8 de Agosto findo para França, aonde foram representar o nosso jornal no «Jamboree».

A nossa delegação teve na gare da estação do Rossio uma despedida muito afectuosa não só da parte de muitas pessoas de família, mas ainda dos seguintes amigos e colaboradores do nosso jornal, Srs. Albano da Silva, Álvaro Rodrigues, Augusto Coutinho, Augusto Monteiro, Carlos Parchão Romaneiro, Eduardo Rolão, Fernando Carrão, Fernando Garcia, Germano Valente, em representação do Grupo 8; Hernâni Gomes da Costa, Hermenegildo A. Ribeiro, Humberto da Conceição, Joaquim Furtado Faia, Júlio Maria Reis, Manuel Alvim Leal e D. Maria Luísa Faria, pedindo desculpa se algum nome nos falhar. Os nossos delegados ficaram profundamente sensibilizados com a simpatia destes amigos, bem como dos camaradas Srs. João Amorim, Alberto e Aníbal Horta que com o mesmo intuito os esperaram na estação do Entroncamento. Iguais agradecimentos são devidos a outros amigos que escreveram ou telegrafaram, enviando os seus votos de boa viagem.

No «Jamboree» foram concedidas aos nossos delegados todas as facilidades para o bom desempenho da sua missão, facilidades absolutamente idênticas às concedidas aos grandes órgãos de imprensa ali representados.

Todos os empreendimentos humanos têm uma maré cheia, que, aproveitada a tempo, conduz à fortuna.

SHAKESPEARE

O "Sempre Pronto" em Espanha

Desembarcar numa grande cidade estrangeira, onde não se tem qualquer conhecimento, e dentro de momentos se encontrar rodeado de amigos que diligentemente nos procuram ser agradáveis, é de facto uma grata sensação.

Os delegados do «*Sempre Pronto*» ao «Jamboree» Mundial da Paz passaram por Madrid no dia 9 de Agosto findo e momentos depois de terem desembarcado foram afectuosamente recebidos por irmãos-escoteiros espanhóis que, embora inibidos de usar o uniforme, mantêm bem acesa a chama do ideal escotista, na esperança de que em breve lhes seja permitida a sua actividade oficial que há alguns anos se encontra suspensa. E bem o merecem porque a sua fidelidade ao Escotismo é promessa, garantia mesmo, de que os *Exploradores de España* poderão realizar uma grande obra a favor da juventude espanhola.

A maneira como fomos recebidos por um grupo de exploradores de Madrid, tanto na viagem de ida, como de regresso, que nos acompanharam e prestaram todos os serviços que puderam, não só nos deixou profundamente sensibilizados, como nos evidenciou a beleza do ideal escotista de fraternidade. As poucas horas que estivemos na Capital espanhola deixaram-nos recordações de amizade inolvidáveis. Por isso saudamos os camaradas J. Forasté Oliver, José Magallón Marrón, Enrique Genovés e Isidoro Diaz Zorita Reis. E ainda o Sr. Dionisio Eleta González, Julio Huertas Terrola, de Valhadolid; Emilio Prieto Sánchez, de Granada, Antonio de Seabra e Tomás Blanco, de Madrid. Com igual interesse éramos aguardados em Barcelona, mas, contra os nossos projectos, não pudemos visitar esta cidade.

A nossa passagem por Espanha é, sem dúvida, uma das nossas mais gratas recordações escotistas.

• • o • •

Exposição de fotografias escotistas

O Grupo n.º 5 acaba de tomar uma iniciativa interessante, promovendo uma exposição de fotografias de actividades dos grupos de escoteiros do Continente e Ilhas.

O 5 conta já com a colaboração de muitos outros grupos, em especial da Província, e espera poder reunir fotografias de todos.

As fotografias assim reunidas circularão pelas sedes dos grupos que aderirem a esta simpática iniciativa, demorando-se em cada uma um período que vai de 8 a 15 dias.

As fotografias para esta exposição devem estar na sede do Grupo n.º 5, na Calçada dos Barbadinhos, n.º 3, em Lisboa, até 8 de Novembro p. f.º

Podemos deslumbrar pelo trajo, mas só podemos agradar pelo que valemos.

J. J. ROUSSEAU

UMA ENTREVISTA

O Chefe Armando Lino confia ao «Sempre Pronto» as suas impressões do «Jamboree»

Saber notícias do «Jamboree», ouvir dizer alguma coisa do que se passou na floresta de Moisson, é desejo que anima não só escoteiros, como muitas pessoas que até aqui nunca se interessaram por assuntos escotistas.

O «*Sempre Pronto*» empenha-se em satisfazer o melhor possível este desejo e por isso, quisemos que, além daquilo que nós próprios poderíamos contar sobre esse grande acampamento, mais algum dos elementos que se deslocaram a França confiasse aos nossos caros leitores as suas recordações.

Procurámos, pois, o nosso camarada Armando Lino, Chefe do Grupo 53, um dos dirigentes que esteve em Moisson e dissemos-lhe:

—Já sabemos que fizeste uma excelente viagem de regresso do «Jamboree» para compensar as canseiras da ida.

Armando Lino, sorrindo-se da nossa referência aos trabalhos da viagem de ida, retorquiu:—Sim, de facto, tanto eu como o Ernesto Clímaco do Nascimento, que regressámos juntos, fizemos uma viagem excelente com bastante comodidade, que aliás não seria necessária, visto que tivemos tempo no Jamboree para restaurar o corpo da fadiga da primeira viagem.

—Ainda bem, atalhámos e sem darmos tempo à pergunta que já se desenhava, sobre as nossas intenções, disparámos:

—Nós queremos que tu faças o favor de contar aos leitores do nosso jornal alguma coisa sobre a grande reunião da mocidade escotista. Poder-te-á parecer estranho que nós, que também ali estivemos, queiramos as tuas impressões, mas...

—Não, não estranho, porque sei bem que todo o tempo foi pouco para apreciar o trabalho ali existente.

—Realmente era difícil ver tudo, além de que é sempre interessante ouvir mais do que uma pessoa quando se trata dum acontecimento importante. E por isso aqui estamos para te ouvir.

O nosso entrevistado fez uma pausa como que passando em revista, de memória, as diferentes fases do acampamento e diz-nos:

—Foi a primeira vez que participei num Jamboree, meu sonho de há muito. Embora conhecesse de ouvido e de leitura o que era uma reunião de milhares de escoteiros, não podia fazer uma ideia precisa de tudo quanto tive oportunidade de ver.

—Certamente, afirmámos, pois um Jamboree é uma daquelas coisas que só vendo se pode apreciar devidamente. E o que foi que mais te prendeu a atenção?

—Essa é uma pergunta bastante difícil de responder, pois que houve tantas coisas que me despertaram atenção especial, que se me fosse dado descrevê-las no «*Sempre Pronto*» não daria lugar a mais nada. No entanto, sempre direi que foram as demonstrações na arena o que mais me interessou e, entre estas, a excelente exibição dos escoteiros checoslovacos entusiasmou-me, por ser verdadeiramente de boa técnica escotista. Conforme tiveste oportunidade de ver foi interessantíssima a maneira prática e disciplinada como em 10 minutos instalaram e desmontaram um acampamento onde nada faltava. E isto utilizando rigorosamente o sistema de patrulhas.

—Como sabes, atalhámos, não tivemos oportunidade de assistir à inauguração do acampamento. Chegámos dois dias depois. Que nos dizes sobre esta cerimónia?

—Encontro-me em circunstâncias semelhantes, pois também não assisti ao encerramento. No entanto julgo que não devia ter sido tão emocionante como o acto inaugural. Foi de facto, impressionante. Cerca das 22 horas, ao toque do hino do Jamboree, todos os presentes, em número de 20 mil aproximadamente, se levantaram e descobriram para assistir ao hastear das bandeiras das nações representadas. Foi bem chocante para nós, portugueses, na altura da chamada de Portugal, não termos podido responder por não fazermos parte da delegação oficial, que ainda não tinha chegado por motivos de força maior.

—E constou só disso o acto inaugural?, perguntámos.

—Não!—O Sr. Pierre Bourdan, Ministro da Juventude, proferiu uma vibrante exortação referindo-se às finalidades do acampamento e terminou entoando a canção do Jamboree, no que foi acompanhado por todos os escoteiros numa grandiosa apoteose, seguindo-se o desfile dos pavilhões nacionais de cada contigente, à luz de enormes clarões de magnésio que iluminavam a arena e lhe davam aspectos de grande beleza através das mais variadas cores dos fogos empregados.

— Um belo espectáculo para principiar,—interrompemos.

--Mesmo maravilhoso e—prosseguiu Armando Lino visìvelmente entusiasmado—terminou com o desfile dos carros alegóricos aos Jamborees já efectuados e a passagem dos fachos a todo o campo pelos escoteiros franceses. E isto para abreviar, passando já por cima duma grande manifestação de acolhimento efectuada pelos franceses, arremessando os seus chapéus ao ar e empunhando uma grande quantidade de velas acesas.

Aqui interrompemos o nosso camarada Lino dizendo-lhe que: — muito gostava de te continuar a ouvir, mas a tirania da falta de espaço não nos permite.

—Então só me resta agradecer a atenção que tiveste em me procurar e ouvir acerca das maravilhas do Escotismo observado no «Jamboree» Mundial da Paz.

—Mas espera, -- retorquimos — ainda não acabei! De resto quem tem a agradecer somos nós. Ora dize-me: constou-me que se aventou a hipótese de se realizar um *Rover-Moot* em Portugal. Que julgas de tal ideia?

—A esse respeito nada posso dizer, demais não estou habilitado a tal, mas creio que se não impossível, é todavia bem difícil de realizar, porquanto, não dispomos de elementos suficientes para tal empreendimento. Oxalá que o que os portugueses aprenderam em França sirva de ânimo para que num futuro próximo estejamos aptos a propor a realização dum «Jamboree» em Portugal.

— Oxalá que sim! — arrematámos.

E despedimo-nos de Armando Lino, agradecendo-lhe a atenção que nos dispensou, com o tradicional aperto de mão esquerda.

E. Ribeiro

• • o • •

Fotografias do «Jamboree»
Photographies du «Jamboree»
Jamboree Pictures

● Trocamos fotografias do «Jamboree». Enviaremos tantos exemplares de cada fotografia, quantos nos forem enviados.

● Nous changeons des photographies du Jamboree. Nous enverrons la même quantité que nous avions reçu.

● We change Jamboree pictures. We shall send as copy pictures many will send us.

Resposta ao / Réponse au / Reply to { «Sempre Pronto» T. Vitorino de Freitas, 9 LISBOA-PORTUGAL

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Três escoteiros em Madrid

Por umas curtas horas, o vistoso uniforme dos Exploradores, tem passeado por Madrid, enchendo de emoção o coração de alguns rapazes espanhóis, que, à sua vista, têm voltado a seguir, imaginativamente, os antigos seguidores de Baden-Powell.

Três jovens portugueses — Macedo e os dois irmãos Ribeiros — têm comprovado pràticamente a verdade de que um Escoteiro não pode ir a nenhuma parte no mundo, sem encontrar um rapaz que, mostrando-lhe sua mão com os três dedos ao alto, se lhe apresente como irmão. E por esta vez o sinal da fraternidade escotista cristalizou nas ruas de uma capital onde o Escotismo não tem vida oficial, porém onde os velhos escoteiros man-



têm viva em seu peito a chama acesa por Baden-Powell, e esperam impacientes o dia em que a Lei lhes permita de novo seguir o «grande jogo».

Com o sol morrendo atrás das montanhas—lá detrás, muito longe, está o suave Portugal — os três Escoteiros, com as suas tendas, com as suas equipagens, têm seguido a sua rota, a caminho de uma cidade de lona em França, onde muitos milhares de rapazes viverão os mais formosos dias de sua vida, a caminho do «Jamboree» da Paz.

Aqui, com as sombras da noite cobrindo a cidade, ficam os velhos lobos espanhóis, com os olhos cheios de inveja e a bandeira enrolada, porém com o peito transbordante de alegria porque, por umas curtas horas, o vistoso uniforme dos *Exploradores* passeou por Madrid.

Enrique Genovés

• • o • •

O Grupo n.º 81 vai reabrir?

Constou-nos que o «81», antigamente instalado na Tuna Recreativa A Juventude Chelense, em Chelas, vai retomar as actividades, desta vez na Junta de Freguesia de São Tiago e sob a direcção do Sr. Augusto Coutinho, actualmente Chefe dos Serviços Administrativos do Grupo n.º 13.

Este nosso amigo conta com alguns aspirantes e lobitos que, animados de grande boa vontade e auxiliados por numerosos amigos do bairro, reatarão em breve as interessantes tradições daquele Grupo de Escoteiros.

UMA MENSAGEM DA CRUZ VERMELHA

«A vós, escoteiros de quarenta e duas nações reunidos sem distinção de raça, religião ou opinião, o Comité Internacional da Cruz Vermelha envia votos calorosos pela vossa paz e fraternidade. Aproveitamos esta ocasião para vos felicitar e agradecer a ajuda e apoio que tendes trazido à Cruz Vermelha em todas as ocasiões»

Esta mensagem foi agradecida pelo General Lafont e Coronel Wilson, nos seguintes termos:

«Os escoteiros das numerosas nações reunidas no «Jamboree» da Paz, em Moisson, agradecem muito sinceramente à Cruz Vermelha Internacional pela sua amável mensagem de gratidão. Todos os escoteiros continuarão a trabalhar para a paz e a espalhar o espírito de boa vontade no mundo».

• • o • •

A Lady Baden-Powell que viajava para a Austrália em visita aos escoteiros e guias foi enviada do «Jamboree» a seguinte mensagem:

Os escoteiros do sexto «Jamboree» Mundial, «Jamboree» da Paz, enviam a V. Ex.ª as suas mais cordeais saudações e vos asseguram a sua gratidão. Os escoteiros têm alegremente acampado durante uma semana e têm sido continuamente inspirados pelas directrizes do nosso venerado fundador e chefe.

LAFONT, WILSON
Bureau Internacional do Escotismo
Jamboree G. Q. G.

• • o • •

CAMPANHA PARA 500 NOVAS ASSINATURAS

Continuam a chegar até nós novos pedidos de assinatura ou nomes de pessoas possìvelmente interessadas no nosso jornal, nomes que nos são indicados por amigos dedicados do «*Sempre Pronto*». No número 26 registámos 123 novas assinaturas. Hoje temos o prazer de registar a entrada de mais 31, que faz um total de 154 novas assinaturas.

São os seguintes os novos assinantes:

Srs. José M. Soares Fabião, Prof. Manuel Domingos Rosa, Manuel Monteiro, Dr. Rocheta Cassiano, José Simões, José Vicente, Dr. Alfredo Marcos Rita, Manuel Rodrigues Pereira, Francisco Ferreira Geraldes, Francisco Inácio Machado, Rádio-Mecânico Souto, Augusto Coutinho, Sebastião G. Silva, Humberto Conceição, António Silva Santos, António Paulos, Argentino C. Monteiro, António da Cruz Baptista, António Fernandes M. Bernardo, Albano Duarte Costa, Armando Lopes Pires, Armando Vasco R. Dinis, Augusto Castelo Branco, Artur Varela Pereira, Artur Pinto Santana, Artur Elísio Cabrita, Alexis Ferreira Caçulo, António José Melo Soares, Abel Carlos Vieira Ponte, António Pereira Pinto e António Pedro O. Soares.

A todos estes nossos amigos apresentamos os nossos agradecimentos.

ENTRE NÓS, CHEFES

Objectivo do Sistema de Patrulhas

Permitam-me, caros camaradas, que hoje substitua a nossa habitual conversa, transcrevendo com a devida vénia, a circular técnica n.º 3 deste ano da Federação Rio-Grandense de Escoteiros, do Brasil, que contem algumas considerações importantes.

LOBO VELHO

Temos notado que muitos chefes não reconhecem, à primeira vista, a grande vantagem que se pode obter do sistema de patrulhas bem aplicado. Todos os grupos escoteiros são divididos em patrulhas, mas nem todos desenvolvem este sistema como o deveria ser. Nuns, as patrulhas são sómente «nominais», isto é, os escoteiros são divididos em pequenos grupos com um nome convencional; um dos componentes recebe o título de guia, mas não têm vida própria de patrulha, e o chefe é que tem de orientar toda a tropa, não dando a estes rapazes a oportunidade de se dirigirem por si. Indubitàvelmente, a vantagem do sistema de patrulhas não é evitar trabalho ao chefe do grupo, senão oferecer aos escoteiros, com o sentido de responsabilidades, o melhor meio de formar seu carácter, despertando-lhe a iniciativa.

Certa ocasião um chefe-escoteiro, comentando a falta de dirigentes para novos grupos, disse: «Precisamos é de bons guias, com estes um chefe poderá orientar mais de um grupo!» Sim, concordamos com esta afirmativa, mas como teremos bons guias se não os formarmos em nossos grupos? E como formá-los se não dermos oportunidade a estes rapazes a que aprendam a serem «bons guias»? Formar um grupinho com o nome de patrulha; conceder o título de guia a um escoteiro, e não dar a este grupinho a organização de uma patrulha, não conceder a este rapaz a responsabilidade de guia, nunca conseguiremos formar «bons guias».

A patrulha compõe-se de seis * escoteiros, e cada um tem sob sua responsabilidade um cargo: guia, sub-guia e secretário, tesoureiro, guarda do museu, guarda do material, etc., se o chefe não tiver criado outros cargos além destes que são estritamente necessários para a perfeita organização de uma patrulha.

Vê-se, assim que todos têm uma responsabilidade, uma obrigação a cumprir. Todos participam activamente da vida da «sua patrulha», e procurarão zelar pelo bom nome desta patrulha. Eis aí um óptimo meio de aperfeiçoar no escoteiro o sentimento de cooperação, iniciativa e responsabilidade.

Uma vez bem organizadas, inicie sem demora os concursos entre patrulhas, mas faça-os de maneira que não haja disparidade entre os concorrentes.

Podemos afirmar que muitos dos nossos grupos não praticam o sistema de patrulha; se não vejamos: Organiza-se um concurso de eficiência técnica entre todos os grupos, e veremos que poucos conseguirão uma média eficiente neste concurso. Qual a causa desta falha? Indiscutivelmente é por que não adoptam o sistema de patrulhas como deve ser. Outra grande vantagem da patrulha bem dirigida é que se um dia, por justo motivo, o chefe se afasta da direcção do grupo, este não sofrerá solução de continuidade pois os seus guias, bem orientados, manterão a unidade e eficiência da tropa.

Quando um guia atingir um grau de conhecimentos e a idade exigida pelo R. T., poderá ser elevado à categoria de sub-chefe. Assim estará o chefe preparando o seu substituto eventual e contribuindo para maior desenvolvimento do Escotismo, pois estará auxiliando a formação de novos chefes.

É pois o sistema de patrulhas, inegàvelmente, o verdadeiro método escotista. Para isto o chefe encontrará óptima orientação no livro «O Sistema de Patrulhas». Também no «Curso de Monitores» terá outro auxiliar valiosíssimo.

É nobre a missão do chefe-escoteiro, mas a sua responsabilidade é grande!

Certa ocasião, discutia-se na Grécia antiga a decadência moral de seu povo. Reuniram-se os sábios, conselheiros do povo, e procuravam um meio de resolver a situação. Ao fim de muitas discussões, um dos sábios, recolhendo do lixo uma maçã podre, já irritado, exclama: «É inútil! Sòmente quando esta maçã tornar a ter sua cor primitiva, tornar a ser agradável aos olhos e ao paladar, é que nosso povo tornará a ser o que era dantes!» e acto contínuo atirou-a ao chão. Outro sábio, juntando a maçã podre, ponderou: «Realmente como esta maçã, o nosso povo está podre. Mas dentro desta fruta deteriorada existe algo intangível: as sementes em cujo invólucro jazem em estado latentes muitíssimas maçãs, agradáveis aos olhos e saborosas ao paladar. Se retirarmos desta podridão estas sementes e as plantarmos em boa terra, delas sairão novas macieiras que reproduzirão lindas maçãs!», a que outro sábio acrescentou: «Sim, mas será preciso que haja chacareiros que plantem as sementes, e após nascerem as novas plantinhas, cuidem para que ao seu redor não cresçam as ervas daninhas; que ao dar frutos os insectos não venham depositar suas larvas que fatalmente virão corroer o seu interior e torná-los podres ainda que exteriormente pareçam bons. Assim como desta maçã podre poderão sair novos e apetitosos frutos, do meio deste povo moralmente podre poderá surgir uma nova geração de homens conscientes. É só saber guiá-los!».

Caros chefes: Sirva-nos de exemplo a lição destes velhos sábios gregos! Lancemos um olhar ao derredor e vejamos se não se aplica aos nossos dias o mesmo caso que afligiu a Grécia antiga. Vamos recolher, desta maçã podre, as melhores sementes, não esquecendo de cuidá-las com carinho desde o nascimento das tenras plantinhas, até que reproduzam os frutos dos sãos ensinamentos que adquirimos nesta escola que abraçamos: O Escotismo!

Chefe, lembra-te sempre: A missão do chefe-escoteiro é um sacerdócio, e como tal exige de ti os maiores sacrifícios. Enfrenta-os, escudado na tua Promessa, no teu código de honra que é a Lei do Escoteiro!

N. da R.—Tomámos a liberdade de substituir o termo «MONITOR», usado pelo Escotismo brasileiro, por «Guia» usado entre nós.

* N. R.—*8 escoteiros é o número usado em cada patrulha entre nós.*

• • o • •

Exposição de fotografias do "Jamboree,,

Por iniciativa do nosso jornal e de colaboração com diversos elementos que estiveram em Moisson, tanto da A. E. P. como do C. N. E., vai realizar-se, possìvelmente em 18 de Outubro p. f.º, uma exposição de fotografias e outras recordações do Jamboree numa das salas do Ateneu Comercial de Lisboa, gentilmente cedida.

Para proceder á organização deste trabalho foi nomeada uma Comissão composta dos nossos colaboradores Srs. Ernesto Clímaco do Nascimento, Armando Lino e Capitolino Macedo. Esta Comissão pede a todos os amigos que possuam fotografias do Jamboree o favor de lhas cederem, por empréstimo, para figurarem na Exposição.

Entretanto, esclarece-se já que se não trata de uma exposição de arte fotográfica, mas simplesmente de uma exposição de recordações do Jamboree na qual poderão figurar fotografias sem a preocupação de escolher as perfeitas.

O que vimos no "Jamboree,,

Sob dois aspectos pode ser considerado o «Jamboree» da Paz: uma grande reunião da juventude, onde se fomentam os laços de amizade entre a mocidade dos diversos países que, robustecida e ampliada pelo tempo e novas reuniões, tornar-se-ão fortes elementos de paz, quando os jovens de agora se transformarem porventura em chefes de grandes nações ou mesmo em bons chefes de família, pois só com famílias bem constituídas e fortes, poderá haver países prósperos e felizes, ou, melhor dizendo, o ambiente do lar projecta-se directamente na vida da nação. É esta a doutrina seguida pelo Escotismo, que educa o rapaz individualmente, a fim de tornar os grupos fortes e prósperos.



Escoteiros libaneses confraternizando com dois escoteiros suíços

O outro aspecto do «Jamboree», e é esse que estamos encarregados de apresentar aos nossos leitores, é o seu valor como grande acampamento, as suas instalações, a mescla de raças e nacionalidades, os costumes e os espectáculos.

* * *

A organização do «Jamboree» foi magnífica, íamos a dizer impecável. Tudo foi previsto, tudo foi preparado de forma a atingir as finalidades desejadas. Era esta a impressão que nos tomava, logo ao desembarcar na estação Rosny-Jamboree, construída propositadamente para servir o grande acampamento. Descia-se numa excelente gare; atravessava-se uma das várias «passarelles» e logo nos encontrávamos num vasto recinto, onde inúmeros auto-carros, retirados do serviço de transportes de Paris, nos levavam ràpidamente ao «Jamboree».

E eis-nos numa presumível cidade de Babel. Podiam-se ver, seguindo a mesma «rua», rapazes da Finlândia e do México, da Inglaterra e da Grécia, da Libéria e da Islândia, da Índia Inglesa, do Egipto, do Haiti, dos Estados Unidos, da Checoslováquia, muitos «rapazes» franceses, e vamos lá, aqui e além, um escoteiro com o distintivo de Portugal... O que oferecia mais contrastes eram os diferentes trajos dos escoteiros: os argelinos e os egípcios, com os seus chapéus característicos, da forma de um vaso; as enormes plumas dos húngaros; as *kilts* dos escoceses; os complicados turbantes dos indianos e os originais «chapéus» dos escoteiros do Líbano.

As ornamentações dos diversos sub-campos, constituiam uma agradável atracção para os passeantes; os escoteiros franceses de cada uma das províncias que deram o nome aos sub-campos, esforçaram-se por apresentá-los bem enfeitados, com construções alegóricas aos monumentos que caracterizam as suas terras. Por exemplo, os escoteiros da Flandres construiram uma enorme torre de madeira; os provençais ergueram uma conhecida ponte de Marselha, que foi destruída durante a guerra pelos alemães: o campo da Bretanha, apresentava um relógio, numa alta torre, que dava horas; no campo da Lorena podia admirar-se uma enorme caravela que servia de miradouro do acampamento.



Escoteiros marroquinos

Também os escoteiros das delegações estrangeiras não descuraram a apresentação dos recintos que lhes foram destinados; quem tomasse o pequeno comboio que circulava no acampamento, teria ocasião de admirar algumas obras de «engenharia» escotista-campista, tais como mesas para tomar as refeições, cavadas no chão, excelentes cozinhas, os mais diversos modelos de fornos de campo, artísticas portas de entrada, tendas armadas sobre altas plataformas de madeira, etc. Algumas delegações apresentavam pequenas exposições de fotografias com vistas dos locais mais aprazíveis dos seus países. Os escoteiros britânicos muito numerosos, distinguiam-se bastante dos outros, neste aspecto. Por exemplo, num campo de escoteiros londrinos, podia admirar-se a cúpula da catedral de S. Paulo, feita com varas.

Estes atractivos não deixavam um momento de descanso àqueles que os desejavam admirar. As feiras, espalhadas pelo acampamento, também estavam sempre muito concorridas, com os seus estabelecimentos, teatros, circo, cinemas e outras distracções, regurgitando de pessoas.

Na arena, os escoteiros apresentavam diàriamente números de variedades sobre história e folclore dos seus países, assim como exercícios escotistas, sempre presenciados por numerosíssima assistência.

Os visitantes (cerca de 80 mil por dia) percorriam as estradas do acampamento e os diferentes bazares, levantando densas nuvens de poeira. À tarde e ao anoitecer «assaltavam» os restaurantes do acampamento, formando extensas bichas.

* * *

Muito mais teríamos a dizer sobre o VI «Jamboree» Mundial. Contudo, o espaço do nosso pequeno jornal muito se viria a ressentir disso. Como uma apreciação em conjunto, o «Jam» foi uma bela jornada para o escotismo francês. De facto, só um movimento forte e activo poderia corresponder de uma maneira tão magnífica aos trabalhos que esta organização solicitava.



A entrada do campo da Alsácia

Todos se entregavam à sua tarefa, cheios de boa-vontade. Desde

O CONCURSO DE 1947

SUPLEMENTO AO «SEMPRE PRONTO»

Redacção e Administração: Trav. de Vitorino de Freitas n.º 9—Ajuda

LISBOA

FIGURAS E FACTOS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

O *«Sempre Pronto»* oferece aos seus leitores um interessante Concurso, pelo qual se fará uma rápida digressão pela História Pátria. Não deixe, pois, de concorrer, habilitando-se aos prémios valiosos que serão sorteados entre todos os concorrentes que tenham acertado com todas as soluções.

Para concorrer basta responder às perguntas feitas em cada número utilizando o verbete inserto neste suplemento, que deve ser enviado à Redacção dentro de 60 dias após a publicação.

Os concorrentes podem indicar o número do Grupo da sua simpatia ou a que pertençam, que ficará assim habilitado aos prémios colectivos que serão atribuídos àqueles que tiverem maior número de concorrentes e pelo menos 10.

O Concurso termina no fim da ano corrente.

PRÉMIOS

COLECTIVOS

1.º PRÉMIO—CASA «STADIUM»

1 bola de voleibol oferta da reputada Casa «Stadium» fornecedora de todos os artigos para Desportos. Rua da Madalena, 182-A.—Lisboa.

2.º PRÉMIO—«SPRIL»

1 jogo Monopólio, oferecido pela reputada Casa «SPRIL» da Rua do Loreto, 34, 2.º, em Lisboa, fornecedora de todos os artigos desportivos e de jogos.

3.º PRÉMIO—«CASA DO DESPORTO»

1 raqueta e 6 bolas para ténis de mesa. Oferta do estabelecimento da Rua da Madalena, n.º 196, em Lisboa, fornecedora de artigos para Desporto.

4.º PRÉMIO «CASA SENA»

1 balde de lona para água oferecido pela conhecida casa de artigos desportivos e de campismo «Sena». Rua Nova do Almada, 48 a 52—Lisboa.

5.º PRÉMIO — Um exemplar da obra «Guia do Escoteiro» de Velho Lobo, oferta do nosso amigo e antigo escoteiro Sr. Fernando Pesca.

INDIVIDUAIS

Prémio "VIEIRA CAMPOS„



Um óptimo saco alpino com armação, fabrico esmerado da importante casa de artigos de campismo «Vieira Campos» Rua da Prata, 215 e 217, em Lisboa.

PRÉMIO «CASA PEYROTEO»

Uma linda estatueta de bronze, com base de mármore, de um cavaleiro lançando o dardo. Oferta da conceituada casa de artigos para Desporto e jogos «Peyroteo», Rua Nova do Almada, n.º 51—Lisboa.

2 PRÉMIOS «ANTERO LOPES, L.DA»

2 facas de mato suecas, oferta da Casa Antero Lopes, L.da, fornecedora conceituada de artigos para caça e campo, Rua de Eugénio dos Santos, n.º 31, em Lisboa.

PRÉMIO «VITORINO DE SOUSA»

1 cantil de esmalte, oferecido pelo estabelecimento de correeiro e artigos para campismo, da Rua dos Correeiros, n.º 200 e 202, em Lisboa.

PRÉMIO «PAPELARIA DA MODA»

Uma faca para cortar papel e um marcador para livros, com artística gravação, oferta da importante Papelaria da Moda—Rua Áurea, 169—Lisboa.

PRÉMIOS «EDITORIAL MINERVA»

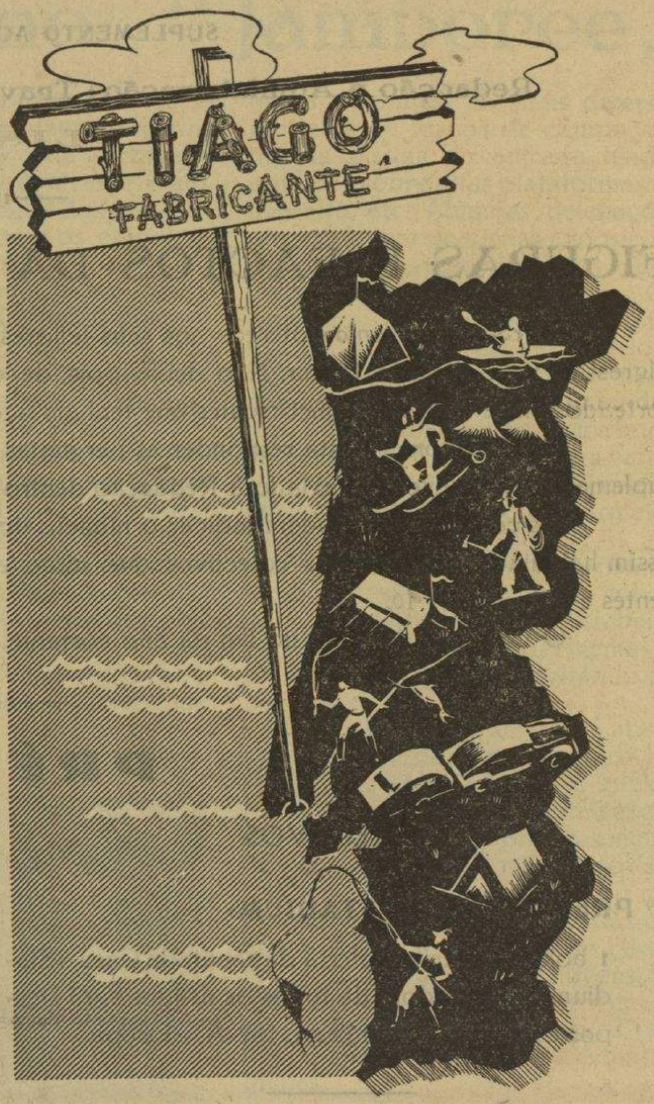
Cinco exemplares da obra «Guia do Campista», de Chaves Mendes. O mais completo manual de campismo publicado em Portugal. Rua de Luz Soriano, 33—Lisboa.

PRÉMIO «BERTRAND»

A obra de Júlio Dinis «Uma Família Inglesa», em dois volumes ilustrados, oferta da Livraria Bertrand, da Rua de Garrett, 74—Lisboa.

PRÉMIO «PIMENTEL & CASQUILHO, L.da»

1 bússola de bolso, oferta desta conceituada casa. Rua de Eugénio dos Santos, 75—Lisboa.



RUA DO BENFORMOSO, 37
LISBOA TELEF. 31318

Á venda na nossa Redacção

Estatutos da Associação dos Escoteiros de Portugal

Em papel especial, 8 páginas, ao preço de, cada exemplar, Esc. 1$00.

O Escotismo e a Formação Cívica

De Charley del Marmol

Um opúsculo de 12 páginas, prefaciado pelo Tradutor.

1 exemplar	Esc.	1$00
1 dúzia....	»	10$00
1 cento....	»	60$00

Estampa com a fotografia de Baden-Powell 1$00

Pedidos à Redacção

CONCURSO DE 1947

Figuras e Factos da História de Portugal

Reposta ao episódio N.º .....

a) .....

.....

.....

b) .....

.....

.....

Nome do concorrente .....

.....

Morada .....

.....

Localidade .....

Grupo n.º .....

Assinatura

.....

Recorte, preencha e remeta à Redacção do «Sempre Pronto».

os serviços de sapadores, rudes e afanosos, até aos serviços de correio, passando pela polícia, hospital, os diversos serviços de administração, restaurantes, bombeiros, transportes, etc., todos se encontravam providos de grupos de jovens, trabalhadores e competentes, desempenhando as suas tarefas com o maior entusiasmo e dedicação.

Acabámos a nossa pequena «digressão» pelo «Jamboree» de Moisson. Percorremos de memória mais uma vez as suas estradas, os sub-campos e as feiras, vimos novamente passar aqueles escoteiros cuja indumentária nos chamava a atenção, sentimos novamente a poeira levantada pelo turbilhão humano na sua movimentação, ouvimos mais uma vez as canções alegres com que os escoteiros nos acordavam de manhã. Todas estas visões e rumores se vão sumindo. Mas, disso estamos certos, jamais se desvanecerá da nossa mente a grande lição de trabalho, método e dedicação que nos foi dada pelo Escotismo francês.

Parabéns aos escoteiros de França.

JOEL RIBEIRO

• • o • •

Os Serviços de Saúde no "Jamboree,,

O «*Sempre Pronto*» visitou o Hospital do «Jamboree». Fomos recebidos pelo Sr. Dr. Francis Lazard, Médico-Chefe do Campo, escoteiro unionista, que com a maior gentileza nos acompanhou e explicou todos os serviços hospitalares modelarmente montados.

Todos os serviços se encontravam instalados nas melhores condições e desempenhados por médicos e enfermeiros escoteiros.



A entrada dum campo britânico, a cúpula da catedral de S. Paulo

Os doentes eram recebidos numa tenda do serviço de consultas, onde se verificava a necessidade de internamento.

As enfermarias estavam montadas em cinco tendas, de paredes duplas para manter a temperatura, sendo três para Medicina com 150 camas e duas para Cirurgia com 50 camas. O número de hospitalizados regulava por 50 a 60, sendo o movimento diário de 30 entradas e outras tantas saídas.

O serviço dentário estava instalado em dois modernissimos autos do exército francês, destinando-se um a trabalhos de prótese e outro a consultas e todos os outros trabalhos de dentista, com aparelhagem absolutamente idêntica à do mais moderno consultório.

A secção de Cirurgia tinha duas salas de operações, uma para grandes e outra para pequenas operações, dispondo de boa aparelhagem, como: aparelho de oxigenação, reanimação por aquecimento, de respiração artificial, e um moderno carro frigorífico para conservação de sangue. Dispunha ainda duma instalação de Raios X e de um auto de esterilização com autoclave.

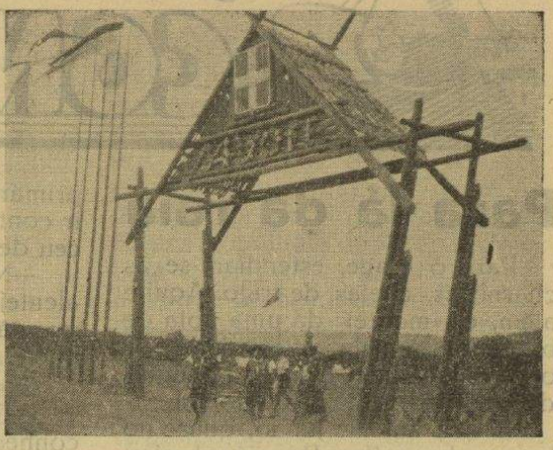


O Presidente da República Francesa tendo à direita o General Lafont, chefe do Escotismo Francês, e à esquerda o coronel Wilson, Director do Bureau Internacional de Escotismo.

O Laboratório era outra demonstração do cuidado com que todos os serviços estavam organizados. Sob a direcção do Chefe Brygoo, o laboratório estava habilitado a proceder a todas as análises clínicas, como exames de sangue e de urinas, buscas de germes, etc.

A Farmácia, sob a direcção do Chefe Jacques Blomet, estava absolutamente à altura de todos os serviços hospitalares, tanto em especialidades, como em manipulações, quer ainda em material cirúrgico.

Espalhados por todo o acampamento havia ainda diversos postos de socorros onde eram socorridos doentes ligeiros, nomeadamente muitos casos de insolação especialmente entre senhoras visitantes,



A entrada do campo da Sabóia

dado o grande calor que fez durante os dias do «Jamboree».

O hospital tinha um corpo clínico de 20 médicos, havendo mais 25 médicos para os postos.

Terminada a nossa visita e ao agradecer a maneira simpática como fomos recebidos, não pudemos deixar de felicitar o Sr. Dr. Francis Lazard pela magnífica organização dos Serviços de Saúde do «Jamboree».

• • o • •

AS VISITAS AO "JAMBOREE,,

O «Jamboree» foi um acontecimento que interessou toda a população francesa. Os comboios de Paris seguiam sempre cheios, repletos de visitantes. De muitos pontos da França foram visitantes e até de países vizinhos, especialmente da Bélgica.

De Portugal estiveram de visita ao «Jamboree», onde tivemos o prazer de os saudar, o Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo e sua esposa Sr.ª D. Violeta Hall de Figueiredo. O Sr. Dr. L. Figueiredo, que é um antigo escoteiro do Grupo n.º 1 e actualmente médico do Grupo n.º 53, permaneceu em Moisson como visitante oficial, durante todo o acampamento.

Entre as personalidades de destaque na vida francesa que visitaram o «Jamboree» pudemos tomar nota dos Srs. Pierre Bourdan, ministro da Juventude, das Artes e das Letras, que passou uma noite debaixo da tenda; General de Lattre de Tassigny, acompanhado dos seus oficiais de Estado Maior Generais Zeller e Delay; Letourneau, ministro da Reconstrução; Jaquinot, ministro da Marinha, acompanhado do Almirante Ortoli e do capitão de fragata Baudoin; General Koenig; Coronel Edgar Grinstead, secretário internacional do Exército de Salvação etc., etc.

Visitou ainda oficialmente o «Jamboree» o Presidente da República Francesa, Sr. Vincent Auriol, que foi recebido no acampamento com grandes manifestações de regozijo, fazendo-se acompanhar do Presidente do Conselho, Paul Ramadier, Georges Bidault, ministro dos Negócios Estrangeiros, Marius Moutet, ministro da Juventude; General Lattre de Tassigny; Núncio Apostolico; Duff Cooper, embaixador da Inglaterra; Kaddour Ben Gabrit, ministro plenipotenciário do Sultão de Marrocos; e numerosos outros membros do Governo e do Corpo Diplomático e da Assembleia Nacional.

A polícia pessoal do Presidente ficou à

(Continua na 9.ª página)



Para lá da raia

Para o longe, estendiam-se as charnecas, cheias de trigo. Aqui e além, o «monte» dá uma nota de brancura àquela imensidade de ouro. Borbulham troncos ressequidos pelo sopro ardente do sol.

É nos fins de Junho, quase no tempo das ceifas. De um sobreiro, cujo tronco, desnudado, parece sangrar, vem o zangarreio estridulo das cigarras. O céu é de fogo e o próprio ar que se respira parece lufada saída das chamas.

Estamos no Alentejo. Em frente do «Monte de Santa Teresa», a meia-hora de caminho de Elvas, apeiam-se de um soberbo automóvel, um velhote de aspecto distinto e um rapazinho aparentando os seus doze anos.

Bateram à porta. No limiar, um camponês alto, robusto, as suíças cobrindo-lhe a face, assumou, curioso:

—Salve-os Deus! Que desejam desta vossa casa?

—Vimos da parte do seu irmão Francisco. Somos os Vargas de Olivença...

O dono da casa cumprimentou os visitantes com afabilidade.

Como todos os outros, aquele «monte» abrangia, além da casa de habitação, a queijeira, a casa da amassadura, o quarto dos criados, a arrecadação para os malteses e a estrebaria, além da divisão destinada aos pobres de pedir, aos caminheiros que, quer a noite seja morna, quer batida de gelo, vão implorar do «monte» a mercê duma «ficada»...

Com o chão de tijolo, a sala de entrada mostrava o vasilhame rebrilhante e as cantareiras. No fim dos corredores, brancos de cal, encontravam-se a casa de jantar e a cozinha, onde ardia o azinho e o sobro e se alinhavam potes de barro, enfeitados a rosmaninho.

Os celeiros e as cabanas reuniam-se em torno do «monte», não muito longe da eira e dos tanques destinados a dessedentar o gado. De vez em quando, um serviçal entrava ou saía ajoujado com os utensílios da lavoura.

—Ora então,—começou o dono do «monte» — vieram conhecer o Alentejo, a charneca...

—Sim, senhor Gomes. É que o meu neto fez exame de instrução primária em Olivença e agora quer ir continuar os seus estudos no liceu de Évora.

—No liceu de Évora? — fez o alentejano, espantado—Então porque não vai estudar para Espanha, que é o seu país?

O senhor Vargas retorquiu:

—O meu amigo certamente não conhece a situação de Olivença... O seu irmão nunca lhe disse o que lá se passa?

—Não,—admirou-se o dono do «monte».—Mas o que me espanta é ele dizer que lá só se fala português. E isso é que, com sua licença, acho estranho, visto Olivenza ser espanhol...

—Pelo amor de Deus, senhor Gomes, não diga Olivenza. Olivença é que é!

—Cada vez percebo menos, senhor Vargas, cada vez percebo menos. Mas, então, Olivença é de Espanha, ou é nossa?

—Portuguesa, meu amigo, mas em poder de Espanha, por causa dum certo tratado. O senhor Gomes não ouviu falar no casamento da Rita, filha daquele ricaço de Elvas, o Assis?

—Ouvi. Casou à vontade do pai, com o Pereira ourives, mas ela parece que gostava do Miguel ferrador...

—Claro. E o que é que ela fez? Nunca se deu com o marido. É que que o ourives apenas conseguiu dela o corpo, mas não lhe conseguiu conquistar o coração. Pois esse já a Rita o havia dado. É o caso de Olivença. A Espanha tem o território, mas o coração dos oliventinos é português, muito português...

Já vinha para a mesa o lombo de porco atolado em molho. As criadas do «monte» punham a mesa, sobre a qual uma jarra vermelha sustentava flores campestres.

—O senhor Gomes conhece Olivença?

—Não. Nunca passei a raia.

—Pois não é diferente do Alentejo. Assim que passamos a ponte do Caia, vemos planícies onde pastam rebanhos e voam bandos de corvos. Aparece a vila num repente, toda branca. Lá em cima, vê-se o castelo e ao longe, a serra de Olor. Entramos em Olivença. Chegamos à praça de S. Fernando. O senhor Gomes conhece o feitio dos espanhóis?

—Se conheço. Estiveram aí no ano passado uns diabos a ajudar à debulha. Aquilo é que eram faladores! Palravam pelos cotovelos. Ninguém parava com eles...

—Os espanhóis são assim. Pois o meu amigo, se fôr a Olivença e entrar num café vê tudo sossegado, calmo, pensativo. Olhe que não se ouve uma palavra em castelhano. E se o senhor Gomes der uma volta pela praça vê as raparigas, morenas, miúdas como as do Alentejo, de olhos escuros. Os rapazes de blusa escura e calção, falam português. As ruas são como as daqui, com casas térreas com um postigo tapado por uma cortina. Às vezes, nas paredes, vêem-se nichos. Só o que há lá de especial são gaiolas com perdizes, coisa que não se vê no Alentejo. Aqui e acolá, aparecem nas portas brasões portugueses. Até o fado, o fado português, se ouve... Aqui há tempos passou-se uma cena curiosa com um garoto...

—Com um garoto?—estranhou o camponês.

—Sim. Com um rapazito, colega de escola aqui do meu Rafael. Um sujeito veio de Portugal, a fim de pintar aspectos de Olivença. O garoto aproximou-se, falando, claro está, português. O pintor perguntou-lhe: «Donde és tu?» «Eu cá sou de Olivença.» «Então, porque falas português?» E o pequeno teve esta saída admirável: «Porque sou português.» «Não percebo. Então tu és de Olivença e Olivença é de Espanha, és espanhol». «Então, sou espanhol...».

O dono do «monte» riu do episódio. Continuando, o senhor Vargas, apontou outro facto:

—Esse pintor encontrou uma velhota e perguntou-lhe: «A senhora é portuguesa?» «Sou. Nascida em Olivença. Demais, portugueses são todos os daqui. Só os senhoritos que lêm livros e jornais é que falam castelhano. Os meus filhos só falam português.» «Onde estão eles?» «Olhe, estão na tropa, lá em Espanha...». Pois, senhor Gomes, até houve um administrador da vila que deu os nomes de D. Manuel I, Vasco da Gama e duque do Cadaval a três ruas das principais...

Assombrava-se o alentejano, ao ouvir o oliventino contar:

—A vila é um autêntico pedaço do Alentejo, um bocado de Portugal. Ali, os usos são os mesmos. Agora, se o senhor Gomes for a Olivença, lá vê as marchas de balões e archotes, as raparigas a saltar as fogueiras. Amanhã, véspera de S. João, as raparigas vão à igreja da Quinta dos Marçais morder as rexas do portão para que o santo não as deixe solteiras.

—Então, também se faz isso em

Elvas, na igreja de S. João da Corujeira...

—É para que veja, meu amigo. Na Páscoa o senhor abade corre a casa dos paroquianos.

—É o folar—comentou o alentejano.

—Pois lá também se chama folar. Cá fazem arroz doce nas festas. Pois na minha terra também se faz lá um petisco desses que é de comer e chorar por mais... À entrada da vila vê-se o nome espanhol Olivenza e nas ruas vêem-se os letreiros «Calle» «Plaza». Mas olhe que ninguém conhece a Calle Moreno Nieto. Falem na rua do Juiz e toda a gente sabe onde é. Calle Vitoriano Parra? Isso sim! Rua das Atafonas e pronto! Há em Olivença um uso com muita graça e que é bem português. Às 8 da noite o sino dá três vezes trinta badaladas. E sabe o que dizem os olivenlinos? Deu horas o sino da Câmara. Vá lá ensiná-los a dizer o «ayuntamiento».

* * *

Era noite. Cobria-se o céu de um manto de estrelas. O alentejano levantou-se, pôs as mãos e deu graças a Deus. Vargas e o pequeno Rafael oraram também. Depois, foram todos dormir em santa paz...

MANUEL FERREIRA

Conferência Internacional do Escotismo

Após o Jamboree reuniu-se a Conferência Internacional de Escotismo com delegados de 42 nações.

A Conferência resolveu que o Rover-moot, acampamento internacional de escoteiros seniores, que se realiza como o Jamboree de 4 em 4 anos e que se deverá efectuar em 1949, seja feito na Noruega.

Não foi ainda escolhido o país onde se deverá realizar o Jamboree em 1951, apesar de haver uma proposta nesse sentido dos E. U. da América do Norte. Foi eleita uma Comissão com delegados de diversos países a fim de se ocupar do estudo do assunto.

As visitas ao «Jamboree»

(Continuação da 7.ª página)

entrada do campo, ficando daí em diante o serviço de segurança a cargo dos escoteiros. A comitiva presidencial entrou no acampamento escoltada por três motociclistas escoteiros, passando entre uma guarda de honra das delegações estrangeiras, com os respectivos estandartes.

O Presidente foi recebido na arena no meio de ovações e perante o hino nacional francês tocado sucessivamente pelas fanfarras francesa e americana.

O Presidente visitou depois diversas partes do campo, especialmente o Campo de Extensão, onde se encontravam os escoteiros inválidos. Tendo saído do acampamento duas horas mais tarde com o mesmo cerimonial.

O Nó do Lenço

Certo rapaz, escoteiro,
— Daqueles de coração —
Seus pais deram-lhe dinheiro
P'la sua dedicação,
Nos estudos o primeiro.

Satisfeito e sorridente,
Com o prémio recebido,
Foi daí, imediatamente
Buscar o apetecido
Livro que tinha na mente.

Mas enquanto caminhava
Para o livreiro distante,
Perto dele então passava
Um vendedor ambulante
— Passarilos!... — pregoava.

Na gaiola esvoaçavam
Uns poucos de passarinhos.
Alguns até pipilavam...
Lamento de pobrezinhos...
Quem sabe lá se choravam?!...

O homem parou à esquina,
Pôs a gaiola no chão...
Nisto, passa uma menina
E desperta-lhe a atenção,
Uma ave pequenina.

— Quanto custa o passarito?
— É dez 'stões, para acabar!
Um pintassilgo bonito!
Tem-se farto de cantar!...
E é muito engraçadito!...

O rapaz, muito calado,
— Presa da serenidade, —
Ao sentir-se ensimesmado,
Pensou nessa liberdade
Que às aves tinham roubado!

Em boa acção praticada,
No pensamento sugere
Uma ideia abençoada:
— Quanto é que você quere,
Por tão linda passarada?!...

— Vinte mil réis quero apenas
— Levo a gaiola também?...
— Pois sim. É das mais pequenas,
Leva-os todos muito bem
Sem lhe amachucar as penas!

Quando pagou, a sorrir,
Certo bem estar o consola...
Ia-se, enfim divertir!...
Abre a porta da gaiola,
E deixa as aves fugir...

— Livres, qu'ridos passaritos!...
Voem, fujam, bem ligeiros!...
Preparem os seus biquitos,
P'ra levarem, galhofeiros,
Insectos pròs seus filhitos!...

Do homem, a admiração,
Rendia-lhe preito imenso...
'Scoteiro de coração,
Desfaz o nó do seu lenço
Confirmando a boa acção!

.....

'Scoteiros, fortes, leais,
Protegei os animais!
A vida, sem liberdade.
É a negação da verdade!...

PEDRO DE MELO

Do «*Raio de Sol*»

O «SEMPRE PRONTO»

VENDE-SE EM LISBOA

Na Tabacaria do Café Suíço, R. Primeiro de Dezembro.
Na Tabacaria Boa-Hora, R. Nova do Almada, 64.
Na Bolsa Cultural, Largo do Calvário, 25 e 26.

Concurso das figuras e factos da História de Portugal

Uma carta Célebre

V

«Senhores vereadores, juízes e o povo da muito nobre e leal cidade de Goa: Os dias passados vos escrevi por Simão Álvares, cidadão desta cidade, as novas da vitória que me Nosso Senhor deu contra os capitães de el-rei de Cambaia e calei na carta os trabalhos e grande necessidade em que ficava... mas já agora me pareceu necessário não dissimular mais tempo, e dar-vos conta dos trabalhos em que fico e pedir-vos ajuda para poder suprir e remediar tamanhas coisas como tenho entre mãos; porque eu tenho a fortaleza de xxx derribada até ao cimento, sem se poder aproveitar um só palmo de parede, de maneira que não sòmente é preciso fabricá-la este verão de novo, mas ainda de tal arte, que el-rei de Cambaia perca as esperanças de em nenhum tempo a poder tomar... Eu mandei desenterrar D. Fernando, meu filho, que os mouros mataram nesta fortaleza, pelejando em serviço de Deus e de el-rei nosso Senhor, para vos mandar empenhar os seus ossos; mas acharam-no de tal maneira que não foi lícito ainda agora de o tirar da terra; pelo que me não ficou outro penhor, salvo as minhas próprias barbas que vos aqui mando por Diogo Álvares de Azevedo, porque, como já deveis ter sabido, eu não possuo ouro, nem prata, nem móvel, nem coisa alguma de raiz, por onde vos possa assegurar vossas fazendas, sòmente uma verdade seca e breve que me Nosso Senhor deu. Mas, para que tenhais por mais certo vosso pagamento, e não pareça a algumas pessoas que por alguma maneira podem ficar sem ele, como outras vezes aconteceu, vos mando aqui uma provisão para o tesoureiro de Goa, para que dos rendimentos dos cavalos, vos vá pagando, entregando toda a quantia que forem rendendo, até serdes pagos... Encomendo-me, senhores, em vossas mercês. De xxx a 23 de Novembro de 1546».

a) *Quem foi que escreveu a carta acima?*
b) *Qual era a praça que necessitava de ser reconstruída?*

(Para responder, preencher o cupão que se encontra no suplemento junto).

IMPRENSA

MUNDO DESPORTIVO

Este nosso muito prezado colega referiu-se ao reaparecimento do nosso jornal com palavras de simpatia que muito agradecemos.

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

Água, Mosquitos e Campismo...

O Folhetim Lisboeta que o Domingo Sonoro da Emissora Nacional apresenta todas as semanas, trouxe-nos recentemente um episódio em que o *Zèquinhas e a Lelé* vão fazer Campismo de manual em punho e lutam com esta contradição: para acamparem junto à água, como preceitua o referido manual, vêem-se aflitos com os mosquitos. Para se verem livres dos mosquitos, teriam de ficar sem água.

Trata-se de uma graça inofensiva, mas que pode impressionar algumas pessoas que ainda se espantam quando sabem que alguém abandona a cidade e vai dormir no campo junto de mosquitos, cobras, lagartos... e ainda leões, elefantes, etc., etc.

Necessàriamente para fazer campismo é indispensável a água, mas não é preciso que se acampe junto de rio ou ribeiro, basta que se tenha água boa para beber (veja «*Sempre Pronto*» n.os 13 e 14) e em abundância suficiente para lavagens e higiene.

Quanto a mosquitos, não são estes companhia que possa agradar para fazer campismo, mas para que os não tenhamos como vizinhos basta não acampar junto de águas paradas e estagnadas. Se se vai acampar junto de qualquer riacho onde há pequenas poças de água, deve-se imediatamente proceder ao seu escoamento. O mesmo acontece com águas depositadas em tanques ou mesmo latas.

Há zonas do nosso país que não são de aconselhar para a prática de campismo pelo perigo do paludismo. Referimo-nos às zonas de arrozais, aonde abundam os mosquitos, e como sabemos estes são transmissores daquela doença. Desde que o mosquito pique um doente atacado de paludismo fica contagiado e irá transmitir a doença a todas as outras pessoas que volte a picar. Este mosquito chama-se «anófele», é um pouco maior do que a melga.

Outro cuidado que o campista deve **sempre** ter é não acender luz dentro da tenda, porque isso atrai os mosquitos e outros insectos alados.

As picadas de mosquitos e de outros insectos tratam-se com amoníaco ou alcool.

E pronto! O *Zèquinhas e a Lelé* podem fazer campismo, pois observando estas normas simples, não têm que recear os mosquitos e garantimos que podem passar uns *ricos* fins de semana, assim saibam escolher o local e não carreguem com aqueles gigantes sacos-alpinos, onde cabe toda a mobília de quarto...

Primeiros socorros

(Continuação do n.º 27)

Torniquete

Quando se trata dum ferimento que atingiu uma artéria importante, no braço, perna ou coxa, e que a hemorragia se não detenha pela compressão da ligadura no sítio do tratamento ou elevação do membro, é necessário recorrer a colocar um torniquete; porém antes de preparar este, é preciso fazer a compressão digital sobre o trajecto das artérias.

Os tirantes elásticos são um instrumento de primeira ordem quando enrolados fortemente em volta do membro e por cima da ferida entre esta e o coração, tratando-se de uma hemorragia arterial e também entre a ferida e a extremidade tratando-se de uma hemorragia venosa.

O torniquete faz-se com um lenço triangular largo ou com um pano dobrado diagonalmente, no qual se faz um nó ao meio; coloque o nó sobre o ponto de pressão, faça um nó largo em volta do membro, coloque em cima do nó um pau, chave, lápis, jornal enrolado fortemente, etc., segure-o com um nó largo e torça suavemente até que a hemorragia se detenha. Ao fim de dez minutos deve afrouxar-se o torniquete para evitar a gangrena do membro, porém se a hemorragia voltar novamente, haverá que o ajustar de novo.

Hemorragias internas—Uma hemorragia proveniente do pulmão manifesta-se por sangue claro e espumoso, ao misturar-se com o ar sai acompanhado de tosse (hemoptise).

O sangue que provém do estômago é mais escuro; misturado com os alimentos, sai com vómitos e geralmente o enfermo sofre dores na boca do estômago (hematémese).

1.º Encoste-se o enfermo ao lado.

2.º Abra as narinas para ter bom ar.

3.º Dê ao paciente gelo para chupar ou colherzitas de água fria com vinagre.

4.º Alivie a roupa sobre todo o pescoço e aplique toalhas molhadas em água fria ou saco de gelo no peito em caso de hemorragia pulmonar; no ventre se o sangue provém do estômago.

5.º Cuide de que o paciente esteja quieto e não fale.

6.º Ponha uma garrafa, ladrilho ou pedra quente nos pés.

Hemorragia nasal—Alivie o pescoço, faça sentar o paciente com a cabeça levantada para trás, para que o nariz seja a parte mais elevada.

Aplique uma compressa ou pano molhado em água fria sobre o nariz e outra sobre a nuca. Não permita que o paciente se abaixe, pois não fará senão aumentar a perda de sangue. Introduza uma pequena mecha de algodão molhado em água oxigenada, na narina que sangra.

Transcrito de "*El Scout Argentino*"

Jogos

Jogo da Lei—Este jogo é particularmente útil para que os aspirantes aprendam a Lei duma maneira agradável.

O Chefe conta uma história dizendo «que na véspera encontrou um escoteiro num carro eléctrico e ficou muito satisfeito porque o rapaz oferecera o lugar a uma senhora e, além disso, ia bem uniformizado. Mas, infelizmente, verificou que ele não sabia o 5.º artigo da Lei, Pedro».

Imediatamente o Pedro diz—«Protesto, sabia: o *Escoteiro é generoso e valente*. Ele não sabia era o 7.º, Carlos».

Por sua vez o Carlos diz: «Protesto, sabia: o *Escoteiro está sempre alegre e bem disposto*. Ele não sabia era o 3.º «Luís».

... e assim sucessivamente.

O aspirante que se engana a indicar o respectivo artigo da Lei ou que, sequer, se atrapalha para o proferir, paga prenda, dando depois lugar ao vulgar jogo das prendas, que todos conhecem e que se diz—«o que se há-de fazer ao dono desta prenda que está para sair».

Tracção em «montada» — Dois escoteiros fazem de «montada», com as mãos e os joelhos no chão, voltados de costas de maneira que que os pés fiquem juntos. Outros dois escoteiros sobem às «montadas», ficando de costas e agarrando as mãos um do outro. As duas «montadas» firmam os pés contra os do adversário e distendem o corpo para a frente, procurando por seu turno, cada um dos escoteiros derrubar o adversário.

É jogo interessante e constitui bom exercício físico.

Adaptado do «Curso de Monitores» — Porto Alegre.



Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

No dia 27 de Agosto p. p. realizou este grupo um acampamento na praia de Monte Gordo, passando-se um dia muito animado.

● À passagem neste vila dos corredores que tomaram parte na XII Volta a Portugal em bicicleta, foi o nosso grupo incumbido de organizar o policiamento e sinalização nas ruas do percurso.

Um dos carros da caravana onde seguiam os directores da prova, parou propositadamente para agradecer aos escoteiros a maneira como desempenharam a sua missão.

● Estamos realizando importantes obras na nossa sede; tanto os gabinetes das patrulhas como a sala de reuniões prometem ficar muito interessantes.

Departamonte da D. A. F.

O Departamento da D. A. F. local acampou no dia 27 de Julho p. p. no sítio dos «Três Pauzinhos». O acampamento, dirigido pela chefe de secção interina Elisabeth Mendes Tacão, foi muito interessante, voltando as escoteiras a suas casas muito satisfeitas.

LOBO DO GUADIANA

Grupo n.º 6 — Olhão

Acampamento no Pinhal da Meia-Légua em homenagem ao «Jamboree» da Paz

Em 9 de Agosto passado o grupo deslocou-se ao Pinhal de Meia-Légua, onde acampou.

Às 22 horas iniciou-se o «Fogo de Conselho» tendo o Chefe feito uso da palavra, numa breve prelecção sobre o grande acampamento internacional que nessa noite seria inaugurado em Moisson e o seu significado para o movimento escotista em todo o mundo. O instrutor, camarada Francisco Pina, dissertou sobre o que seria o grande «Jamboree».

No domingo, pelas 7 horas da manhã, recomeçou a vida de campo, cujo programa constou de várias práticas escotistas, desportivas e campistas.

Visita duma delegação do Grupo N.º 53 ao Algarve

No passado dia 30 de Agosto uma delegação do Grupo N.º 53 dos Escoteiros de Portugal, foi recebida na estação do Caminho de Ferro por todo o Grupo «6», assim como pelo departamento de Olhão da D. A. F. Após os cumprimentos de boas vindas, todos se dirigiram à Biblioteca do Grupo n.º 6, onde a D. A. F. serviu o pequeno almoço aos visitantes. À tarde o Grupo 6 e os representantes do Grupo 53 dirigiram-se ao Pinhal da Meia-Légua, onde realizaram em conjunto um acampamento de fim de semana.

● Em 2 de Setembro os escoteiros lisboetas acompanhados por 4 seniores do Grupo 6, e do camarada Alfredo Delgado, secretário da Comissão de Patrocínio do «6», visitaram o «Cerro da Cabeça» e as suas respectivas furnas, que foram muito admiradas pelos escoteiros da Capital. Em 3, visitaram o Grupo n.º 77 com sede em Faro e em 4 o Grupo n.º 59 de Tavira e os Moinhos da Rocha, tendo pernoitado nessa noite na sede do Grupo Tavirense. No dia seguinte deslocaram-se até Vila Real de Santo Antonio, onde confraternizaram com os escoteiros do Grupo n.º 60, tendo-se a D. A. F. de Vila Real de Santo António, associado às manifestações de boas vindas. Visitaram ainda a Praia de Monte Gordo, regressando a Olhão pelas 17 horas do dia 6.

No domingo eis os escoteiros do «6» e 53 em carros de carga a caminho da «PALHAGUEIRA» a fim de admirar as furnas deste cerro, buracos no solo cujas paredes contêm verdadeiros cachos de estalactite, verdadeiras maravilhas. À noite iniciaram a sua viagem de regresso a Lisboa.

A FILATELIA E O "JAMBOREE,,

Em comemoração do «Jamboree» Mundial da Paz os correios franceses emitiram um selo da taxa de 5 francos, cujo motivo é a insígnia do acampamento. É muito simpática a iniciativa dos correios franceses, pena é que o selo fosse pouco brilhante e de qualidade inferior aos selos comemorativos habitualmente emitidos por aqueles serviços.

Entretanto, é bem louvável a iniciativa que ficará a documentar a grande reunião escotista nos meios filatélicos.

Vem a propósito registar as emissões de selos de assuntos escotistas.

Roménia, 1931: comemoração da exposição do escotismo de Bucareste: 1 l. carmim (campismo); 2 l. verde escuro (boa acção diária); 3 l. azul marinho (compromisso de honra); 4 l. castanho-escuro (Príncipe Nicolas); 6 l. castanho-vermelho (Carlos II). *1932*: comemoração do *rallye* nacional escotista de Sibin; 25 b. verde (diante da tenda); 50 b. azul (sinalização); 1 l. verde (em observação); 2 l. vermelhão (cozinha); 3 l. azul-verde (Carlos II); 6 l. castanho-escuro (Carlos II e Miguel). Os selos destas duas séries foram vendidos pelo dobro do preço do seu valor de franquia.

Hungria, 1933: comemoração do «Jamboree» (alegoria); 10 fi. verde; 16 fi. lilás; 20 fi. rosa-carmim; 32 fi. amarelo; 40 fi. azul.

Roménia, 1935: comemoração do 50.º aniversário da subida ao trono do rei Carlos II: 25 b. castanho-escuro (saudação escotista); 1 l. violeta (fogueira escotista); 2 l. verde (mapa da Roménia); 6 l. castanho-vermelho (Carlos II); 10 l. azul-marinho (escoteiro). *1936*: comemoração do *rallye* nacional escotista de Beasov (alegorias): 1 l. azul; 3 l. preto; 6 l. rosa carregado; vendido ao dobro do preço de franquia.

Holanda, 1937: comemoração do Jamboree»: 1 1/2 c. verde-amarelo (flor-de-lis); 6 l. vermelho-castanho e preto (tambor e bandeira); 12 1/2 c. azul e preto (Apolo).

Turquia, 1938: comemoração do 15.º aniversário da proclamação da República: 1 valor da série: 8 K. lilás (escoteiro).

SAUDAÇÕES

Ao "Sempre Pronto,,

O aparecimento do nosso jornal após a curta suspensão de dois meses, foi motivo de grande contentamento nos meios escotistas de todo o país, tendo sido recebidas cartas de aplauso e satisfação, além de que muitos amigos verbalmente nos manifestaram o seu júbilo. A todos nos confessamos muito reconhecidos.

Entre as cartas recebidas, sem desprimor para as restantes, não resistimos ao desejo de transcrever aqui a carta recebida dum irmão-escoteiro, que se encontra em contacto com um grande número de leitores do nosso jornal, cujo nome não divulgamos por motivos óbvios e por ignorarmos se isso seria da sua vontade.

Diz-nos ele:

Irmão-escoteiro:

... Foi com imensa satisfação que vi de novo o nosso jornal na rua; não só eu como muitos camaradas e amigos do movimento lamentaram a paralisação, mas ao voltar a vê-lo ficaram satisfeitíssimos.

Desde sempre tive pelo 94 uma certa simpatia e este acto enérgico deu-me a certeza do que fiá muito julgava, no 94 existem de facto Escoteiros. Dizia o nosso jornal, em referência aos Escoteiros Franceses, que muito deviam ter sorrido para suprir tantas dificuldades, mas os rapazes da Ajuda também devem ter sorrido o seu bocado para conseguirem os seus fins.

Aqui fica um abraço de reconhecimento pela vossa força de vontade em continuar a servir o Movimento e podem contar com alguns sorrisos meus se necessitarem.

Com muita simpatia, sou etc.

São palavras amigas como estas e outras que amigos nos têm enviado, que nos ajudam a levar avante a tarefa, um tanto pesada, que a nós próprios impusemos, no desejo sincero de servir o Escotismo, servindo a Pátria e através dela a Humanidade.

Obrigado, pois, e continuaremos a contar não só com o vosso sorriso de simpatia, mas com a vossa ajuda também.

A DIRECÇÃO

ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

Por notícias de origem particular sabemos que este Grupo prepara activamente as decorações da sua nova sede, que espera inaugurar ainda este ano. Entretanto, em Lisboa um grupo de amigos do «84» prepara-se para visitar aquele grupo no dia da inauguração da sua sede, manifestando assim a sua muita simpatia aos camaradas do Entroncamento.

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Doentes — Encontra-se bastante doente e internado já há alguns meses no Hospital do Rego, Serviço 1, Sala 1, Secção de Cirurgia, cama 27, o escoteiro de Vila Real de Santo António, Manuel Dias Cruz, que foi recentemente submetido a melindrosa operação de cirurgia.

Este nosso camarada, que tem dado provas duma grande dedicação e amor pelo Escotismo, não tem família em Lisboa, pelo que todos os escoteiros seniores que o puderem visitar dar-lhe-ão uma grande alegria.

CAMPISMO

Segundo conversas que temos tido com dirigentes de alguns Núcleos campistas, lavra um acentuado desinteresse pelo progresso da modalidade.

Não só em Lisboa mas também na província, Núcleos que se mostravam prometedores, desapareceram completamente, ou trabalham na sombra, muito calados...

A opinião geral é que não estão contentes com a nova organização, preferindo acampar sem grandes alardes, com receio de exigências impostas pelos elementos directivos do Movimento, exigências que segundo eles nos dizem, são incompatíveis e inúteis.

Se assim é, foi pior a emenda que o soneto!

E agora nos recordamos. Sempre se realiza o Congresso?...

DO ESTRANGEIRO

Holanda — (Congresso Internacional de Campismo):

No parque de Groenendaal em Heemstede, perto de Haarlen, inaugura-se no próximo dia 1 de Agosto a reunião máxima dos campistas de todo o Mundo, organização da «Fédération Internationale des Clubs de Camping».

Este parque é acessível aos praticantes dos desportos náuticos (um rio passa nas suas margens), aos automobilistas e aos pedestrianistas. Frondosas matas, água potável, tendas semi-permanentes, restaurantes, etc., permitem agradáveis férias durante os quinze dias da reunião.

França — Este ano, numerosos membros do «Camping-Club Internacional de France» têm efectuado diversas deslocações à Bélgica e à Suíça, onde confraternizam com os campistas vizinhos.

Também se chegou a falar na visita a Portugal duma equipa gaulesa, sem que até agora tenhamos tido confirmação da sua vinda.

N. R.—Atrasado na Redacção.

□ □

Quando da conversa que tivemos com Jorge Tarracha, em Vila Franca de Xira, tivemos conhecimento doutra modalidade desportiva que se alia ao campismo: a columbofilia.

Com a pesca, a caça, o alpinismo, etc., columbofilia vem provar a necessidade de colaboração que estes desportos podem prestar ao Campismo—e vice-versa.

Na realidade, mais proveitosa e interessantes se tornam as respectivas práticas se se conjugarem as modalidades, como o G. E. R. fez com os pombos e diversos caçadores e pescadores fazem com o Campismo.

Quando possuirmos parques campistas devidamente apetrechados, a natação, o atletismo, o *volex*, o *basket*, etc., farão também parte integrante e indispensável dos programas de acampamento.

Tudo isto já é praticável, até certo ponto, é claro, mas, razões que desconhecemos levam os campistas a não trocarem uma boa «sesta» por uma prova de corta-mato ou umas braçadas de natação (sobretudo quando a água está fria...).

Congresso Mundial de Campismo

Inaugurado por Mr. Champion, presidente da Federação Internacional, o 1.º Congresso reuniu cerca de 2.000 praticantes, representando os Estados Unidos, a Inglaterra, França, Holanda, Bélgica, Dinamarca, Luxemburgo, Noruega, Suécia, Itália e Suíça.

Portugal provou que também faz Campismo, compatível com quaisquer dessas grandes Nações, e a Bandeira Portuguesa esteve desfraldada em Groenendaal, graças às iniciativas pessoais de Fernando de Almeida e outro campista cujo nome não temos presente.

No próximo número esperamos poder dar pormenores sobre a reunião.

Grupo Excursionista do Ribatejo de Vila Franca de Xira

Segundo uma conversa que tivemos com o prestimoso dirigente desta colectividade, Sr. Jorge Cância Tarracha, o G. E. R. propõe-se desenvolver em breve a sua Secção Campista, para o que já adquiriu, no Monte Gordo, dois moinhos abandonados que está transformando, um em Casa-Abrigo e outro em pombal.

Aliam a estes empreendimentos a aquisição dum barco de recreio e a emissão de um empréstimo no montante de dez mil escudos que se destinam a fomentar entre os ribatejanos o gosto pela vida ao ar livre.

Está pois de parabéns este simpático grupo vilafranquense que alguém já profetizava de extinto (ou pouco menos)!

Um abraço à rapaziada de Vila Franca com os desejos de BOM CAMPISMO, MUITO BOM CAMPISMO!!!

C. FERNANDO GARCIA

• • o • •

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Estamos procedendo à cobrança de assinaturas e pedimos a todos os nossos assinantes o favor de dispensarem o seu melhor acolhimento aos respectivos recibos, visto que a devolução nos acarreta despesas inúteis.

Quando os recibos não puderem ser liquidados no momento da sua apresentação, a remessa da sua importância em selos ou vale de correio para a nossa Administração, é um favor que muito agradecemos.

Por vezes tem acontecido que alguns recibos nos são devolvidos com a informação do correio de terem sido «RECUSADOS». Custa-nos a acreditar em tal informação, pois não é de admitir que pessoas que recebem regularmente o «SEMPRE PRONTO» sem o recusarem, possam depois RECUSAR o recibo.

Se o nosso jornal é enviado a alguém que não o deseje assinar, muito agradecemos o obséquio de no-lo devolver, evitando-nos assim onerosas e inúteis despesas de cobrança.

A Administração

Secção Charadista

Por JOSÉ SEQUEIRA

CHARADAS

Combinadas

1 + sa = habitação
+ vali = animal
+ ente = enfermo

conceito—bordão

Minda—Lisboa

2 + ma = ramo de Palmeira
+ da = montão de palha
+ tão = liga de cobre e zinco

conceito—terra portuguesa

Jola—Lisboa

Sincopadas

3 Gastei uma *ventarola*, no *espaço de doze meses*. 3-2.

Maçada Geográfica

4 RECOLAS

conceito—terra portuguesa

Jola—Lisboa

Soluções do número anterior

1—lado. 2—Japão. 3—caracol. 4.—batata. 5—Évora.

• • o • •

ERNESTO LEITÃO

Este nosso querido amigo e dedicado escoteiro sénior do Grupo 94 partiu em 20 de Agosto p. p. para a cidade de Lourenço Marques, no desempenho de serviço militar.

Embora sentindo a separação deste irmão-escoteiro, colaborador dedicado do nosso jornal, estamos certos que o «*Sempre Pronto*» continuará a ter a sua colaboração naquela cidade, onde temos um bom número de assinantes.

Desejamos-lhe as maiores felicidades na sua nova missão.

• • o • •

Perigo do Tabagismo

Venenos encontrados no tabaco

A lista dos venenos encontrados na folha do tabaco ou produzidos por sua combustão, parece quase incrível. Entre eles se destacam a nicotina, o furfurol, a colidina, o ácido prússico, o monóxido de carborno e o amoníaco.

Homens e mulheres de bem, combatei o fumo. É um perigo insidioso; é um traidor. Pais e mães, por amor a vossos filhos, que são a vossa maior riqueza, não fumeis. Mestres, contribuí com o vosso exemplo e instrução para o bem-estar físico da geração nascente livrando-a da praga do fumo.

De «*O Escoteiro*»—Brasil

Os cobardes morrem muitas vezes antes de morrer, os valentes sofrem apenas uma morte.

SHAKESPEARE